

INTRODUÇÃO AO REGIONALISMO

META

Traçar uma visão panorâmica do regionalismo brasileiro e identificar as principais características estéticas e culturais da obra de Graciliano Ramos.

OBJETIVOS

Ao final desta Aula, o aluno deverá:

Identificar as diferentes formas e momentos do regionalismo na literatura brasileira; comparar as contradições presentes nas obras de Graciliano Ramos a partir da contextualização dos problemas sociais e históricos que fazem parte de suas obras; comparar a forma como o escritor problematiza suas posições ideológicas diante da sociedade, se optam por uma leitura amena ou crítica dos problemas regionais; analisar sociologicamente *Vidas Secas*, destacando seus aspectos estéticos: espaço, tempo, narrador e personagens.

PRÉ-REQUISITOS

Conhecimento sobre o Modernismo e contexto social do Governo de Getúlio Vargas.



Casamento na Roca, óleo Sobre Tela, de Candido Portinari
(Fonte: <http://www.static.blogstorage.hi-pi.com>).

INTRODUÇÃO

A prosa modernista ganha um novo olhar com o romance regionalista da década de trinta. Para alguns críticos, o romance de 30 surge como uma oposição às exportações vanguardistas dos primeiros modernistas. Para outros, uma forma de resgate das tradições locais. Se levarmos em conta o *Manifesto Regionalista* (1926), proposto por Gilberto Freyre, o romance regionalista nordestino tem um sabor de dívida quanto à valorização da tradição cultural no primeiro momento; e no segundo, a de problematização política dos conflitos de classe. Esses dois tipos de regionalismos se aproximam e se fundem nas propostas de nossos escritores. A prosa regionalista que nos interessa neste curso é a de cunho social feita por Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Jorge Amado e Amando Fontes. Esses escritores exploraram temas referentes ao homem do Nordeste brasileiro, à sua cultura, e ao questionamento social. Nesta aula, veremos um panorama crítico do regionalismo e depois estudaremos a obra de Graciliano Ramos.

O REGIONALISMO DE 30

O projeto estético regionalista da década de 30 começa a ser debatido com o *Manifesto Regionalista* proposto por Gilberto Freyre, recém chegado dos Estados Unidos, onde se formou em Sociologia. Ele cria “o grupo do Recife para promover o debate em torno das tradições locais evitando o nacionalismo ultrapassado. Para divulgar seu manifesto ele organiza o Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo, em Recife, em 1926. Esse manifesto procurava ‘desenvolver o sentimento de unidade do Nordeste’ e visava ao seu ‘desenvolvimento material e moral’ (FREYRE in TELES, 2002, p. 343). Então, podemos dizer que os escritores nordestinos estavam envolvidos com esse projeto, de forma direta ou indireta. José Lins do Rêgo é o mais engajado com as propostas desse manifesto e consegue convencer Jorge Lima a fazer um resgate da cultura dos grande engenhos em seu livro *Poemas Negros*.

Cabe também lembrar que o projeto estético do Modernismo vai proporcionar novas reflexões sobre a realidade brasileira na década de 30 com o resgate da literatura social, valorizada pelos regionalistas, que não se filiavam diretamente ao projeto dos primeiros modernistas, mas que apresentam uma consonância com o que estava acontecendo com a literatura em outros lugares do país, pois “correspondeu como nenhum outro às aspirações de liberdade temática, atenção ao concreto e vigor estilístico, que então predominavam pelo efeito combinado das transformações políticas e da doutrinação modernista.” (CANDIDO; CASTELLO, 2006, p. 31) Assim, podemos dizer que está proposto o Regionalismo de 30, com sua riqueza pitoresca, valorização da culinária, da tradição da Casa Grande, do

sincretismo religioso tão bem abordados na poesia de Jorge de Lima, nos romances de José Lins do Rêgo e de Jorge Amado.

Entre os debates de nossas aulas, queremos retomar o que foi proposto por Antonio Candido acerca da forma como o regionalismo é representado no Modernismo brasileiro. Diante de um país atrasado, de um país com o apelo às suas belezas naturais, o regionalismo pode se mostrar como um ornamento ao texto. Ora, esse amor, essa dedicação do escritor por sua terra é perigosa. Valorizar demais sua terra natal pode encobrir seus problemas sociais ao valorizar o pitoresco.

Para Candido, o regionalismo é um programa estético desde a escola de Recife com Franklin Távora, que já apresentava o regionalismo como argamassa do texto literário, pois “consiste em ter dado uma valia da realidade local” (CANDIDO, 2000, p. 271). Tal proposta dialoga com o Manifesto Regionalista de Gilberto Freyre, pois valoriza: 1 – senso de terra, da paisagem, da vida da região; 2 – patriotismo regional; e 3 – disposição polêmica de originalidade da nação (CANDIDO, 2000, p. 268). A diferença está no fato de que, com o Modernismo, há uma proposta de articulação entre o Nordeste e o Brasil e também, uma tentativa de se fazer um nacionalismo de valorização da cultura local.

Portanto, o regionalismo pode ser visto como uma versão do nacionalismo já experimentado pelos modernistas do grupo Verde-Amarelo e o da Antropofagia. A proposta regionalista é também a busca de uma identidade nacional, valorizando a cor local. Todavia, o regionalismo tem suas particularidades, pois se trata de um questionamento do nacionalismo utópico. O regionalismo surge, desde seus primeiros textos, de uma tentativa de valorização do nativismo e da descrição das peculiaridades da terra nas diferentes regiões do país. Por essa condição, ele valoriza o pitoresco do espaço geográfico como a fauna e flora, os modos de vida, e o folclore com sua cultura popular: crendices, culinária, dança, música, lendas, causos. Com isso, implicitamente, o regionalismo questiona o etnocentrismo da corte, das capitais, dos grandes centros do Brasil, trazendo a perspectiva narrada para um lugar não-hegemônico.

Dentro da perspectiva cientificista do final do século XX, o regionalismo foi responsável pelas especificidades da construção de personagens como o sertanejo, de Euclides da Cunha, o jagunço, de José Lins do Rêgo, o vaqueiro, de Graciliano Ramos, o cangaceiro, de Francisco Dantas, a professora, de Rachel de Queiroz, entre tantos outros personagens dessa região. Com certeza, o regionalismo ganha uma proposta mais crítica e sofisticada com a geração de escritores nordestinos engajados politicamente com os problemas do mundo. Por ser uma retomada de um tema que já fazia parte do imaginário do público brasileiro, mas de forma mais crítica e contextualizado no presente, o Regionalismo de 30 teve uma recepção muito boa pelo mercado editorial.

Nestas aulas sobre o regionalismo, vamos analisá-lo sobre o prisma do envolvimento com os problemas brasileiros, e, por isso, trabalharemos com a consciência de o regionalismo poder ser pitoresco ou crítico. Conforme Candido (2000), o escritor que trabalha com o regionalismo pitoresco apresenta uma consciência amena dos problemas sociais, pois valoriza a cultura e paisagem. Essa posição pode ser encontrada nas obras de José Lins do Rego, e nas de Jorge de Lima, já estudado por nós. Esses dois escritores são os mais influenciados pelas propostas do *Manifesto Regionalista*, que tinha como objetivo a valorização da cultura local. No outro momento, vamos ter o regionalismo diretamente contaminado pela posição ideológica do escritor. Nessa fase do regionalismo crítico, o viés político está mais explícito.

Nesse segundo momento, teremos o escritor completamente engajado com o social. O regional é apenas um elemento secundário na sua obra, pois os problemas locais são incorporados com mais densidade e o prisma narrado é da “consciência catastrófica” da modernidade (CANDIDO, 2000, p. 146). Esse regionalismo crítico faz parte da obra dos escritores nordestinos, pois todos apresentam uma preocupação social e incorporam algumas reflexões políticas como o debate em torno da reforma agrária, o poder da igreja católica juntos ao governo, o poder dos coronéis. Além disso, os direitos humanos são tocados pela falta de qualidade de vida, o analfabetismo e precariedade da saúde pública atravessam essas obras que descrevem uma Modernidade ainda por chegar. Muitas obras vão retratar um país medieval, outras um país às portas da modernidade. Essa focalização vai depender da obra que você escolher para analisar. Vamos começar nosso estudo pelo escritor mais representativo Graciliano Ramos, já que crítica é unânime em considerá-lo o maior narrador do século XX. Sua literatura incorpora as propostas do Modernismo com força vigorosa e esteticamente amadurecida.

O REGIONALISMO ENGAJADO DE GRACILIANO RAMOS

Graciliano Ramos (1892-1953) é um brasileiro que nos honra, pois sua ética e cidadania vão além do político, do escritor e intelectual. Natural de Alagoas, ele viveu grande parte de sua vida de intelectual entre Maceió e Rio de Janeiro. Sua família era de comerciantes e fazendeiros, por isso teve uma infância de mudanças pelo interior de Pernambuco e de seu Alagoas. Quando adulto, fixou-se em Palmeira dos Índios, cidade da qual foi prefeito. Depois passou um tempo no Rio de Janeiro, mas retornou àquela cidade, que foi incorporada ao seu imaginário literário com sua gente, seu cotidiano e suas paisagens típicas. Para não nos estendermos muito em sua biografia, vale destacar que na Era Vargas, ser comunista era crime. Em 1935, Graciliano foi acusado de ter participado de um levante comunista,

por isso foi demitido, preso e enviado para presídio no Rio de Janeiro pelo Governo Vargas, de onde só saiu em 1937. Essa experiência de sofrimentos como prisioneiro está registrada na obra póstuma *Memórias do Cárcere* (1953). Nessa obra temos vários depoimentos contra as ações da ditadura do governo Vargas. Na prisão, Graciliano preparou os rascunhos de sua grande obra *Vidas Secas* (1938).

A crítica sobre a obra de Graciliano Ramos é vasta e tem na figura de Antonio Candido (2007) a figura mais notável ao assinalar os traços da relação entre a “confissão e ficção” que perpassam as obras do escritor alagoano. Essa perspectiva é a mais aceita hoje, pois “literatura e experiência confundem-se na obra de Graciliano Ramos” (MIRANDA, 2004, p. 8). Esse nordestino engajado com a arte literária e com os conflitos de seu povo nos apresenta uma obra que “resulta de um processo vigorosamente seletivo e subordinado essencialmente aos limites da experiência pessoal, notadamente sertaneja”. (CANDIDO; CASTELLO, 2006, p. 342).

Diante de uma vida de luta pela sobrevivência, ele nos proporciona uma obra em que denuncia a condição subumana do homem vítima de uma sociedade rural dominada por latifundiários. Outra perspectiva que sua obra nos traz é a do homem sucumbido pelo Capitalismo como acontece em *São Bernardo* (1935). O pobre que consegue comprar a fazenda, mas que é derrotado por seus demônios interiores. A fatalidade faz parte do imaginário de Graciliano Ramos, tanto *Vidas Secas* como *São Bernardo* não apresentam qualquer saída para o homem. “O que ele investiga é o homem nas suas ligações com uma determinada matriz regional, mas focalizado principalmente no drama irreproduzível de cada destino” (CANDIDO; CASTELLO, 2006, p. 343). Esteticamente, sua narrativa traz uma síntese dos conflitos do homem diante da expropriação seja pela economia agrária, seja pelo Capitalismo. A crítica reconhece a concisão de sua escrita. Graciliano Ramos quase não usa adjetivos, sua frase é concisa com a valorização de elementos essenciais com uma seleção primorosa do vocabulário que nos remete ao universo inóspito do mundo exterior, mas, sobretudo, ao interior de personagens em conflito com o mundo externo.

VIDAS SECAS – O ESPAÇO DOS RETIRANTES

Essa obra é a mais famosa de Graciliano Ramos. Ela é regionalista pelo tema, mas sua estrutura narrativa e a forma de abordar os conflitos existências lhe dão uma dimensão filosófica bem maior. O autor nos apresenta um mundo abandonado em treze capítulos que podem ser lidos sem sequência, pois se trata de uma obra desmontável. Para Wander Miranda, essa obra pode ser vista como uma poética da escassez e da negatividade opondo-se ao pitoresco e ao descritivismo hiperbólico presentes na tradição do romance de 30 (2004, p. 43).



Retirantes, Candido Portinari.

(Fontes: http://www.galeriamalivillasboas.com.br/site/images/stories/fotos/portinari_retirantes.jpg)

A família de Fabiano inicia sua trajetória em busca de uma terra prometida e termina a narrativa na mesma situação. Essa condição de eterno retirante nos mostra o lado amargo e negativo dos episódios que envolvem essa família. Fabiano, Sinhá Vitória, o menino mais velho e o menino mais novo saem em busca de um lugar para eles. Essa obra traz a marcante cachorra Baleia, uma das personagens mais queridas da literatura brasileira. Por ser irônica, ela morre com fome sonhando com preás. O trecho que versa sobre a morte da cadelinha, na verdade, uma “morte anunciada”, é comovente, principalmente pelo impacto da linguagem descritiva de que se utilizou Graciliano:

A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pêlo caíra em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beijos dificultavam-lhe a comida e a bebida. (...) Então Fabiano resolveu matá-la. Foi buscar a espingarda de pederneira, lixou-a, limpou-a com o saca-trapo e fez tenção de carregá-la bem para a cachorra não sofrer muito. Sinhá Vitória fechou-se na camarinha, rebocando os meninos assustados, que adivinhavam desgraça e não se cansavam de repetir

a mesma pergunta: – Vão bulir com a Baleia? (...) Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamberia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. (RAMOS, 1994)

A antropomorfização dos animais e a coisificação dos seres humanos nos remetem ao universo árido que é construído nessa obra. Há ainda a imagem do poder representada pelo Dono da Fazenda, que explora Fabiano, pagando-lhe mal. Há o Soldado Amarelo, que leva Fabiano a ser injustamente preso, e de quem Fabiano terá, depois, a oportunidade de se vingar. No entanto, Fabiano não o fará, mostrando-se superior ao perfil vingador que caracterizava a figura do homem do sertão.

A narrativa nos apresenta o olhar maduro do escritor que melhor explorou o “regionalismo crítico”. Mesmo com sua consciência crítica de esquerda, em nenhum momento essa obra se resume às perspectivas panfletárias de defesa de uma arte socialista. Esse é o maior trunfo do texto: debater problemas sociais sem ser tendencioso. Com tal óptica da consciência do subdesenvolvimento e do engajamento político, essa obra ressalta seu diferencial.

No campo estético, há um texto “desmontável”, que traz reflexões de um exercício obsessivo e artesanal da linguagem e uma lucidez na escolha dos procedimentos narrativos usados. Observamos que sua narrativa tem um caráter experimental desde a forma como os capítulos foram construídos ao experimental e bem sucedido uso do discurso indireto-livre, momento que a voz do narrador se confunde com a da personagem, e o leitor perde uma referência fixa. Com essas técnicas apuradas, podemos dizer que o autor “desmonta as estruturas de dominação literária, cultural e política, ao mesmo tempo em que confere a seus textos um valor artístico efetivamente inovador” (MIRANDA, 2004, p. 13).

Essa narrativa tem a particularidade de ser construída em terceira pessoa. O constante movimento do narrador para as personagens promove uma identificação maior do escritor com suas personagens. Esse narrador solda o mundo exterior e o mundo interior, com o movimento de aproximação e distanciamento das personagens, mantendo sempre uma visão crítica e dramática da situação deles. Assim, *Vidas Secas* evita o hiato entre o intelectual e a indignação dos retirantes (MIRANDA, 2004, p. 41). Vale lembrar que isso é possível porque o romance explora a técnica do discurso indireto livre, que confunde o leitor e mostra a cumplicidade entre narrador e personagem desfazendo a neutralidade.

Por ser um romance desmontável, a lógica espacial se sobrepõe à temporal. Outro aspecto relevante é a ausência de marcas históricas, o que confirma a estrutura circular da obra e nos leva a pensar o quanto o livro traz uma crítica social baseada no conceito de que a repetição cíclica dos episódios representados incide para que a história social brasileira não avance.

Nesta leitura, destacamos ainda o quanto Fabiano apresenta uma dupla carga de opressão: a da miséria e a da impossibilidade de ser livre.

Esse não-lugar dessa personagem e de sua família, sempre se deslocando em busca do seu o espaço, fala-nos de uma época de justiça social por vir. No capítulo “O soldado amarelo”, Fabiano vai preso injustamente. Esse episódio da prisão não pode ficar de fora da relação do romance com o Estado Novo. De forma indireta, o autor debate a questão da forma como a lei é aplicada de forma desrespeitosa.

Esse sofisticado regionalismo de Graciliano Ramos nos traz uma reflexão sobre a história do Brasil, falando de um país ainda por ser construído. Diferentemente do que acontece com o regionalismo pitoresco de José Lins do Rêgo, que valoriza a cultura local como um patrimônio cultural coletivo.

O regionalismo crítico de Graciliano Ramos está próximo das reflexões da poesia filosófica de Carlos Drummond de Andrade, trazendo reflexões sobre a condição do homem em seu tempo. Nesse sentido, Graciliano se opôs ao pitoresco.

SÃO BERNARDO (1934) - UM OLHAR MARXISTA

O romance *São Bernardo* narra a trajetória do fazendeiro Paulo Honório que, depois de se casar, passa a colecionar fracassos particulares. O livro também traz o debate sobre o papel da escrita de um homem rude que tenta se entender por meio da sua narrativa. Narrando, ele reconstrói sua trajetória com a intenção de entender por que fracassou.

Depois de emprestar dinheiro a juros exorbitantes, Paulo Honório consegue a fazenda "São Bernardo" como pagamento. Ele, que tinha sido preso por esfaquear um homem, não consegue, contudo, se livrar do perfil vingativo e opressor. Assim, ele trata todos na fazenda como parte de sua propriedade. Tudo na obra gira em torno dos negócios que ele faz. Por valorizar esse lado capitalista, Paulo Honório se constitui em uma representação do mal em uma sociedade opressora que é guiada pelo Capitalismo. Trata-se de um homem sério que desconfia de todos e sucumbe na sua solidão. Mas seu drama é visível em trechos como: "Agitam-se em mim sentimentos inconciliáveis: encolerizo-me e entorneço-me; bato na mesa e tenho vontade de chorar."

Pelas circunstâncias, seu casamento com Madalena é visto também como um negócio. Madalena é uma sonhadora, uma professora que pensa em transformar o mundo. Todavia, Paulo Honório se casa com ela apenas com a intenção de ter um herdeiro. Ele, entretanto, não contava com o lado humanitário da mulher. Ela era preocupada com os empregados da fazenda e se opunha aos métodos de exploração desses empregados. Nesse contexto de oposição entre o dono da fazenda e a professora, Paulo Honório a acusa de ser uma mulher subversiva e comunista.

Além desses dois personagens, temos D. Glória, a tia de Madalena, que vê uma boa oportunidade de ter uma vida mais tranqüila quando vai morar

na fazenda de Paulo Honório. Padilha era o antigo proprietário que havia perdido a fazenda pelas dívidas com Paulo Honório. Depois ele passa a ser um empregado da fazenda e tem uma relação próxima com Madalena, o que causa um ciúme contínuo e doentio em Paulo Honório que também desconfiava de Ribeiro, outro funcionário, e de Padre Silvestre. Todos eram suspeitos de traí-lo com Madalena. Mas tudo não passava de ciúmes doentios desse homem atormentado pelo fracasso pessoal. Com a pressão do marido, Madalena que tentava apenas uma condição de vida melhor para todos, comete suicídio. Depois desse episódio, Ribeiro e D. Glória deixam a fazenda. A partir daí, temos a narrativa de um homem que tenta, durante quatro meses, entender o processo de desumanização por que passou.

A narrativa desse ex-presidiário, com pouca instrução educacional, funciona como uma forma de buscar o autoconhecimento por meio da escrita. Esse processo foge um pouco da temática do regionalismo para se voltar para o debate sobre os perigos do consumo e dos sonhos propostos pelo Capitalismo. Na perspectiva de se tornar um homem melhor com a aquisição da fazenda, Paulo Honório não consegue se projetar com humanidade. Ele passa pelo processo de coisificação, pois se perde no seu próprio desejo. Com esse questionamento, o regionalismo de Graciliano vai além e nos traz o debate para os perigos do capital. Esse romance reflete ainda sobre a questão do fetiche do desejo de consumo. Ironicamente, para Paulo Honório o desejo de ter um herdeiro lhe leva a falência. Sem controlar seus sentimentos, seu casamento entra em crise por conta dos ciúmes. Como professora engajada, Madalena deixa a culpa para Paulo Honório.

Como se trata de uma obra esteticamente envolvida com as questões marxistas, temos o debate da “consciência pesada” desse narrador sem sentimentos, mas frustrado por seu fracasso social. Dentro das questões sociais, o exagero de Paulo Honório chega à via da coisificação do homem. Assim como em *Vidas secas*, em que todas as personagens se tornam partes da engrenagem social, em *São Bernardo* acontece a mesma coisa. Por uma leitura marxista, podemos dizer Paulo Honório, com sua sede de poder, reifica todas as pessoas ao redor, pois todas se transformam em coisa, perdem suas qualidades humanas. Como castigo, até ele se reifica. Ele se transforma em uma vítima de sua ambição.

CONCLUSÃO

O romance regional apresenta diversas particularidades desde o advento do Romantismo. Com o Modernismo, ele ressurgiu com duas abordagens, a pitoresca e a crítica. O contexto social brasileiro exigia um escritor mais envolvido com as causas do país. Com o advento do Manifesto Regionalista, o Nordeste passou a fazer parte dos debates sobre literatura e cultura na região, preocupado com um nacionalismo ufanista. Esse grupo foi liderado por Gilberto Freyre e José Lins do Rêgo. Como principal objetivo, o regionalismo buscou valorizar a cultura local e sua tradição. Mais além dessa abordagem do cotidiano do nordestino, a obra de Graciliano Ramos nos trouxe uma reflexão mais profunda sobre a função do regionalismo na literatura brasileira. Marcado pelo sofrimento de prisão, Graciliano Ramos tem uma das obras mais conscientes dos dramas vividos pelos excluídos no Brasil.

Tanto *Vidas secas* como *São Bernardo* trazem um depoimento de uma região marcada pelas desigualdades sociais. Assim, a obra de Graciliano Ramos traz os problemas da região na própria forma de fazer literatura, seja na exploração de um sujeito silenciado pelo sistema, seja na de um homem culpado pelo fracasso pessoal, respectivamente em *Vidas secas* e *São Bernardo*. Essa forma de fazer literatura empenhada confirma o papel de um intelectual que apresenta uma consciência da crise por meio de seu “empenho político” (Candido, 2000, p. 158).

RESUMO

Este aula trouxe um estudo sobre o regionalismo nordestino. Dividimos o regionalismo em duas abordagens: a pitoresca e a crítica, conforme proposta de Antonio Candido. Depois contextualizamos o regionalismo crítico como uma exigência da década de trinta, momento de ditaduras no Brasil e na Europa. No segundo momento, analisamos as obras de Graciliano Ramos: *Vidas secas* e *São Bernardo*, obras que abordam o regionalismo de ângulos diferentes, o do retirante e o do latifundiário. Esses dois textos nos dão uma dimensão do regionalismo crítico desse autor.



ATIVIDADES

1. Diferencie o regionalismo pitoresco do regionalismo crítico a partir das ideias debatidas nesta aula.
2. Compare o regionalismo crítico em *Vidas secas* e em *São Bernardo*, apontando os temas comuns e suas diferenças.
3. Diferencie Fabiano de Paulo Honório a partir de seus problemas pessoais e suas relações com o mundo à sua volta.



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Veja as diferenças dos dois tipos de regionalismo a partir da comparação entre o *Manifesto Regionalista* e a proposta engajada com o contexto social do Governo de Getúlio Vargas.
2. As duas obras trazem a crítica ao latifundiário como tema. Todavia, uma se espelha no lugar do oprimido, na outra, há uma inversão, o oprimido é mal e se vinga com sua brutalidade e opressão, só que paga o preço com a solidão. Tente achar pontos estéticos e políticos comuns às duas obras.
3. Fabiano é um personagem que quase não fala, já Paulo Honório fala o tempo todo, toda a obra é contada por ele. Veja como os dois se relacionam com o mundo e consigo mesmo.

AUTO-AVALIAÇÃO

Se você consegue fazer um bom comentário sobre a importância do regionalismo para a literatura brasileira, a importância do *Manifesto Regionalista* de 1926 e, principalmente, diferenciar o regionalismo pitoresco do crítico, você já conseguiu uma boa aprendizagem. A densidade da obra de Graciliano Ramos exige que você explore o universo desse escritor que retratou o Nordeste com uma consciência crítica dos problemas que historicamente afligem o homem dessa região. Para completar, trace um painel de suas principais obras e características literárias.



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, daremos sequência ao estudo do regionalismo com a análise da produção literária de Rachel de Queiroz e José Lins do Rego.



REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 46^a. edição. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CANDIDO, Antonio e CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da Literatura Brasileira: Modernismo – História e Antologia**. 15^a. Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**, 5^a. Edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.
- COUTINHO, Afrânio (direção), COUTINHO, Eduardo de Faria. **A literatura no Brasil: Era modernista**. V. 5. 6^a. Edição. São Paulo: Global, 2001.
- MIRANDA, Wander Melo. **Graciliano Ramos**. São Paulo: Publifolha, 2004.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 65^a. edição. São Paulo: Record, 1994.
- TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e Modernismo brasileiro**. 18^a. Edição. Petrópolis, 2009.